



## Síntese

CARVAJAL, Luis González-Carvajal. Nossa Fé. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

### 1. Introdução

Os cristãos do Século XXI, como a humanidade, passa por sérias crises em diversos campos, como família, empregos, existencial e claro, de fé. A Igreja em meios a vários movimentos, divisões, denúncias, fundamentalismos, tem aumentado a dificuldade do cristão leigo no aprofundamento de sua fé, uma vez que, “o povo de Deus”, carente de pastores, de valores, de uma experiência profunda de Deus, tem perdido sua referência de fé cristã.

O livro “Nossa Fé”, do Pe. Luiz González-Carvajal, diocesano da cidade de Madri - Espanha, é uma oportunidade para leigos cristãos aprofundarem seu conhecimento e reconhecerem em que se apóia sua fé. O livro foi pensado, a partir da reação de uma adolescente de 17 anos, quanto este era ainda professor de Física, impressionando o autor, pois este lhe falou que José não era Deus, como ela pensava e anunciava, e a revelação foi assimilada sem nenhum conflito. Carvajal, intitula o Prólogo, “Teologia para Mari Paz”, e felizmente, para todos os leigos.

O livro, de uma linguagem simples e humorada, traz uma visão contemporânea de temas básicos da fé cristã, questionando a maneira de compreender e trazendo luz para a fé cristã. Fé esta, que não deve ser construída pelos fatos, mas pela experiência interior de Deus.

Os capítulos instigam bastante a curiosidade do leitor, principalmente o leigo, buscando qual a próxima “surpresa” teológica.

### 2. Desenvolvimento

#### O Pecado Original.

Carvajal, inicia o primeiro capítulo, com um título um tanto curioso, “Nosso Defeito de Fábrica” para se referir ao pecado original, deslindando as suas diversas nuances. Constata que a narração do Gênesis não é histórica e sim sapiencial.

Apresenta a formulação antiga do pecado original, que coloca o homem em uma situação de ser herdeiro do pecado e, portanto, ser responsável pelo que não cometeu e nem teve como evitá-lo. Alguns aspectos são questionados, como a justiça divina, a questão da evolução humana, e do poligenismo. A partir de uma reflexão do hoje para se entender o passado, explicita o pecado original, como os pecados que mantêm o homem numa situação de desamor e de afastamento de Deus.

#### Experiência humana de Deus

Neste capítulo, o autor cita passagens do livro do Êxodo, como a fuga do Egito (fato não registrado na história universal), quando encontram o maná, a primeira praga, travessia do Mar Vermelho, como relatos de expressão livre dos israelitas para expressar a ação de Deus em sua vida, em sua história, enfatizando a opção de Deus pelos oprimidos, pequeninos, explorados, pobres, sem nunca abandoná-los, expressos no segundo e terceiro êxodo. Portanto, intitula que só chegou-se a saber de Deus por meio deste conflitos do povo, que neles perceberam a presença d’Ele.

#### Quem é Jesus?

Em seguida, Carvajal apresenta algumas citações sobre Jesus na História, com Flavio Josefo e Tácito, concluindo que é impossível escrever uma biografia detalhada sobre Jesus, uma vez que nem a data de nascimento se sabe, e que detalhes sobre a vida de Jesus só se encontra na bibliografia cristã.

Em relação aos milagres, coloca que é difícil saber como transcorreram, pois os relatos têm muitas amplificações, cabendo hoje a interpretação correta do sentido. Fazendo uma comparação com outras coleções de milagres antigos (punitivos, lucrativos, engraçados..) se encontram vários contrastes, pois os milagres de Jesus apresentam a mensagem da vitória final do bem sobre o pecado, da vida sobre a morte.

Após os milagres, apresenta o Cristo como um homem livre, e que deu um valor absoluto ao Reino, e como homem livre, experimentou a solidão e a morte, ou na expressão do autor, a execução de Jesus, que foi consequência desta liberdade, pois sendo contra o mundo “velho”, foi vítima consciente de sua opção.

Depois de sua morte, quando se acreditava que o mal venceria o bem, e o Filho de Deus havia se transformado em maldito, surge o Cristo ressuscitado. O autor afirma que a ressurreição não é um fato histórico, mas real, pois cria e muda história, apesar de não ser provado, pode se perceber seus efeitos, pois sua causa vive até hoje, porque Ele vive. Também é escatológico, por ser insuperável, e, portanto, definitivo. Sendo seu significado, a reabilitação do condenado, a vida que vence a morte.

### **Cristologia**

Com o reconhecimento do Cristo, como o Salvador, infinitos títulos lhes foram dados e com a conclusão do Novo Testamento, nasce a Cristologia.

No concílio de Calcedônia, se formulou a definição cristológica de duas naturezas: divina e humana (sem separações) e uma só pessoa. Esta fórmula foi perpetuada sem aprofundamentos e perdeu hoje grande valor, porque não tem palavras que possam captar a realidade; as traduções das expressões são imperfeitas, e as palavras mudam de sentido. Há uma grande dificuldade de afirmar a divindade e a humanidade de Cristo simultaneamente, pois é difícil conceber um Deus humano, ou um humano Deus. E aí se apresenta o mistério profundo contido em Jesus, que é a expressão do Deus definitiva e insuperável. Como sacramento de Deus, é um sinal invisível, tornando-se presente.

### **Antropologia Teológica**

A seguir veremos apresentações de teorias sobre a redenção. Primeiro, a teoria da satisfação vicária, onde o homem merece morrer por seus pecados e Jesus, oferecendo sua vida, tem como recompensa o perdão dos homens por Deus. A segunda teoria, da Igreja Protestante, afirma que Jesus substituiu o homem na cruz para padecer em lugar deste o castigo que merecia. A terceira, da contra reforma, mantinha a substituição da pena do homem, por Cristo, onde Deus redimia o homem pela morte de seu Filho. Para Carvajal, felizmente há teorias para contradizer estas, que considera absurdas e injustas, pois colocaria Deus como um carrasco, que necessitaria da morte de um inocente para perdoar os demais.

A morte de Jesus, foi fruto da maldade humana, de sua luta pelo Reino, e não aconteceu para aplacar a ira de Deus. A vontade de Jesus, era amar e não sofrer, a redenção foi por amor, pois o que faltava ao mundo era amor. Não se deve cultuar o sofrimento como virtude para redenção, pois só o amor redime.

Deus não criou o homem livre de todo sofrimento. Deus não quer o mal, mas o permite como consequência da criação, da liberdade humana.

Com a glorificação do Cristo, que possuía o Espírito, este passa a ser a presença do Jesus ausente. O Espírito Santo mostra o Cristo, que mostra o Pai. Sem a ação do Espírito a Igreja terminaria no Cristo, pois a missão do Filho, foi protagonizado por um único homem e a do Espírito atinge a todos e a Igreja inteira, portanto, Pentecostes é a democratização da Encarnação.

O homem primitivo para suprir suas carências necessita de um Deus poderoso, que resolva sua vida por ele. Esta era e ainda é, uma idéia muito criticada por estudiosos (filósofos, psicólogos, etc.), porém, o Deus cristão não é um Deus paternalista, mas um Deus que está ao lado dos filhos, que age através de cada um, mas nunca o suplanta, respeitando sua liberdade

Carvajal diz que a partir do Cristo, pode-se entrever as possibilidades do homem, mais é impossível defini-lo, pois este ainda está se fazendo e não se sabe como este processo se concluirá. Jesus é o único homem futuro que já se fez presente e o desafio da humanidade é ser este homem que já se fez presente no Ressuscitado – imagem e semelhança.

Uma polêmica apresentada, que ainda causa discussões, é a perspectiva do homem como corpo e alma. Na tradição cristã, o homem é unificado, não podendo existir corpo sem alma e vice-versa.

Também encontramos o homem como um ser em relação, que se relaciona com os outros e com Deus, e é orientado para isto, aceitando estar nas mãos de Deus e confiando o seu futuro a Ele.

### **Fé**

Esta relação com Deus acontece através da fé e se dá através de uma experiência pessoal.

Quando o homem começou a se perguntar por Deus, apenas queria expressar sua fé, não necessitando de explicações sobre Ele.

Crer só se pode em Deus e é uma atitude de fidelidade, de entrega àquele em quem se confia plenamente a vida.

Há, porém, uma diferença entre crenças e fé. As crenças, ou verdades de fé, do velho catecismo, não têm significado sem a fé. E ao tentar expressar a fé em crenças, descobre-se que Deus é inexplicável, podendo-se apenas alcançar alguns fragmentos de conhecimento. As crenças também podem tornar o cristão prisioneiro delas, não reconhecendo a Igreja como uma comunidade de fé, e não de doutrinas, dificultando a aceitação de outros por não vivenciar as mesmas crenças.

A partir disto, podem surgir as dúvidas de fé, isto, as dificuldades com idéias sobre Deus e mesmo para os que têm a experiência de Deus, podem vivenciar a noite escura, oportunidade de crescimento e de conhecimento de Deus. Crise é perigo e oportunidade.

### **O que é ser cristão?**

O questionamento seguinte é o quem é cristão? Se for definido por valores éticos, se descobrirá que há pessoas fora da Igreja que vivem melhor do que muitos cristãos. Portanto, não há como definir cristãos e não cristãos por valores ou obras, mais por seu interior, por seu conhecimento íntimo do Cristo, por seu amor aos outros, como Ele também amou.

Pode-se questionar se as pessoas que se dizem não cristãos e vivem como tal, pode-se considerar cristã. Carvajal faz uma ressalva importante: O cristão gostaria de ser considerado budista por ter vivências parecidas?

Crer também implica em ser pessoa orante, ser pessoa que faz da vida uma oração e na oração está a vida. Não se trata de uma negociação com Deus, mas uma escuta da sua vontade.

Esta oração necessita ter reflexo no mundo, no dia-a-dia, e, para alguns cristãos, a espiritualidade leva-os a uma fuga do mundo; outros estão no mundo, mas não se interessam por este. Não há uma reflexão sobre os problemas reais do mundo, como se este não fosse responsabilidade do cristão.

### **Vaticano II – uma nova luz**

Um grande avanço na Igreja a respeito disso, aconteceu com a *Gaudium et spes*, fruto do Concílio Vaticano II, que é a Constituição pastoral sobre a Igreja e o mundo atual.

O mundo que é preciso transformar é o que existe, construindo o Reino, pois Deus está presente em tudo e em todos intervindo na história.

O fim do mundo se refere a destruição do mal, porém a essência da criação não será aniquilada.

Houve um erro em dividir a história profana e a sagrada, pois só há uma história e a salvação se dá nela, integrando-as no que for possível. E é nessa história, que se dá a missão do cristão, no serviço ao outro, na partilha, no amor, interpretando os sinais do tempo a luz do Evangelho.

A fé cristã não pode ser vivenciada só, mas em comunidade por isto a Igreja que não é o Reino, mas germe, princípio e instrumento de implantação do Reino, deveria ser uma demonstração do que é o Reino de Deus para o mundo, como as primeiras comunidades cristãs, que viviam no

mundo contrário ao Reino, mas internamente, viviam como irmãos, “partilhando seus bens com alegria”. A Igreja por ser instrumento de instauração, deveria primeiramente, viver o Reino.

Com a separação do profano e sagrado, já falado anteriormente, o homem cai na tentação de procurar Deus, nos lugares considerados sagrados, mas o templo do Cristão é o mundo, onde encontrará Deus em todas as coisas, e na vida diária, pois o que é celebrado nos templos, é necessário ser vivido no dia a dia.

### **Os Sacramentos**

Os sacramentos celebrados, “são sinais visíveis que torna presente uma realidade invisível”, sendo esta realidade, não menos que o próprio Deus. O homem é um animal simbólico e os sacramentos respondem a esta necessidade íntima. O sacramento de Deus, é Jesus, o sinal maior e que se deixou ser acessível à humanidade.

Os sinais sacramentais foram prejudicados com a preocupação “de salvar o mínimo necessário para que fosse válido”, precisando hoje ser explicados e explicá-los significa que não é sinal, pois a palavra é necessária, mas para tornar presente a salvação que o sinal invoca.

Para se entender o batismo hoje, é necessário voltar ao ritual da imersão, onde o batizado se mantinha impassivo na água, sendo lavado, emergindo o homem novo, pois o autor do batismo é Deus e não o homem. Este batismo acontecia com adultos, porque como homem novo, ele assumia a doação de sua vida.

No batismo das crianças, que hoje acontece, a criança não crer por si mesmo, mais pela fé como dom de Deus e por esta, são introduzidos no seio desta, para no Sacramento da Crisma, confirmar sua fé.

A moral ensinada na nossa igreja nem sempre é cristã, uma vez, que tornou-se casuística, com uma lista de casos com valores éticos, o que Jesus relativiza a importância deste atos, pois os valores éticos, estão na atitude interior, na opção fundamental pelo Reino, que norteará toda a vida do cristão. Portanto, o pecado pode ser definido como o desvio desta opção fundamental e isto quem alertará será a consciência, e não um código de condutas.

A teologia moral é importante na medida em que ajude o cristão a discernir, a ter consciência do bem e do mal.

A vivência do amor aos outros e a si mesmo, como prega o mandamento, é a lei maior do cristão, mas como há a limitação humana, sempre haverá desvios e erros, e sempre haverá a esperança da volta a casa do Pai. Esta volta, geralmente passa pelo sacramento da penitência, que tem estado em crise, pela dificuldade em expressar o que realmente afeta a cada um, parecendo à confissão, ser algo vazio, sem sentido.

Toda ação do homem tem consequência para os outros e assim, uma ação que seja mal, atinge que a praticou e os outros, portanto, a importância do confessar a infidelidade a Deus e aos outros, procurando um ministro da Igreja, para que haja o perdão e a reconciliação com todos. Este perdão, restabelece a justiça e é motivo de festa para os cristãos.

A Eucaristia é o memorial de Cristo, significando que nada que vem do Cristo é esquecido. Ela atualiza o passado e nos remete para o futuro. Faz presente a salvação, recordando que sua plenitude ainda não chegou. O pão e o vinho, não lembram Cristo, mas o faz presente realmente. Não pode acontecer sem a entrega dos cristãos.

A Eucaristia, também tem seu cunho político, no sentido de que, aquele que se diz cristão e oprime o outro, não pode celebrar a eucaristia, pois esta é um ato de protesto contra uma sociedade opressora e injusta e a vivência fraternal antecipada do Reino.

### **Escatologia**

No penúltimo capítulo, o autor reflete a questão da morte, para a antropologia unitária, morre o homem inteiro, e não só o corpo, pois não há nenhuma parte imortal no homem.

Segundo Carvajal, “a morte é a fronteira entre dois tipos de corporalidade: uma limitada, biológica, restrita a um fragmento do mundo, e outro tipo de corporalidade, ilimitado, aberto, pancósmico”. E assim, um corpo ressuscitado passa pela corporalidade, do ilimitado, aberto.

Retrata o juízo final, como a vitória divina sobre o pecado e a morte e não uma prestação de contas, pois para o que crer, a vitória final do Cristo é uma certeza; o céu, como a reconciliação final com o próprio homem, com a natureza, com os outros e com Deus, isto é, a plenitude; o purgatório, como um olhar de graça e amor do Cristo que se dirige ao homem; e o inferno como uma condição humana, resultante da opção definitiva do homem pelo mal.

### **Mariologia**

No último capítulo, destinado a Maria, Carvajal, alerta para a pouca atenção que o Novo Testamento concede a Maria, apesar de citá-la 25 vezes, e para as aberrações teológicas que tem sido escrito sobre ela. Ressalta que, pela tradição, é surpreendente o fato de Jesus ser chamado de filho de Maria e não de José.

A questão da concepção virginal de Maria, é outro assunto com muitas polêmicas, mas o autor, afirma que mais importante que o fato é o significado, que não é uma visão negativa da sexualidade e sim, de que a salvação do homem não depende de seu esforço, mas é presente de Deus.

O Filho do Homem veio de Maria, mulher pobre e virgem, tudo o que a sociedade no tempo de Cristo, discriminava. Foi esta mulher, que depositou sua fé e sua vida em Deus e no silêncio do coração, buscava compreender a vontade d'Ele em sua vida e de seu Filho.

Outro ponto importante, é o fato de hoje, existir uma exaltação da figura de Maria em detrimento de Cristo, colocando-a como co-Redentora e medianeira de todas as graças, como se está estivesse mais próxima do homem do que o próprio Jesus.

### **3. Conclusão**

A partir da experiência vivida com a reação da Mari Paz a explicação dada, o caminho percorrido pelo autor, apresenta ao leitor, uma visão geral das questões da fé cristã, objetivando explicar melhor a fé para as pessoas, iniciando com a criação e o pecado original, passando de leve, por toda a bíblia, AT e NT para esclarecer pontos importantes de interpretação, tenta explicar temas teológicos centrais da fé – pecado, experiência de Deus, Cristologia, Antropologia, a questão da fé, definição de cristão, a importância do Vaticano II, sacramentologia, escatologia, mariologia, ou seja, ele faz um caminho quase completo da fé da igreja. Tudo em uma linguagem acessível, ajudando o leigo que não conhece a Teologia, a compreendê-la, atingindo seu objetivo, que era apresentar como “interessantes” as verdades da fé.

MARIA DAS GRAÇAS TEIXEIRA RODRIGUES  
CVX PEQUENO PROFETA – JOÃO PESSOA  
Novembro 2010